

Motivação do Aluno de 3 a 7 anos

*Simone Aparecida de Aquino Nunes.
Prof. Ms. Moacir Alves de Faria*

Resumo

Este texto revela como o professor pode motivar seus alunos de 3 a 7 anos, para que possam trabalhar o conteúdo de forma significativa ao aluno. Estaremos vendo algumas ideias sobre ensino-aprendizagem com Piaget e Vygotsky, para depois nos concentrarmos na motivação do aluno e como o professor pode aplicar suas atividades motivando a aprendizagem dos alunos.

INTRODUÇÃO

Para o desenvolvimento da criança, a maior importância é sua interação com o meio em que vive.

Essa interação com o ambiente faz com que construa estruturas mentais e adquira maneiras de fazê-las funcionar.

O fundamental no desenvolvimento não se constitui no progresso de cada função, mas sim, na mudança das relações entre as diferentes funções, isto quer dizer, o desenvolvimento consiste na formação de funções compostas.

O professor tem papel importante nesse processo, pois ele é mediador e motivador do ensino-aprendizagem.

Se quisermos motivar nossos alunos, precisamos saber de que modo nossos padrões de atuação podem contribuir para criar um ambiente capaz de conseguir que os alunos se interessem e se esforcem para aprender, e que forma de atuação pode ajudar concretamente um aluno.

A motivação de um aluno no momento da realização de uma tarefa escolar depende da interação, das metas pessoais e do modo como aprenderam a pensar, quando encaram diferentes tarefas e dificuldades ligadas às atividades que os professores aplica em sala de aula.

Há alunos cuja motivação esta centrada na aprendizagem e há alunos cuja motivação aponta metas egocêntricas, centradas em seu próprio eu. Convém ao professor rever seus objetivos para que possa sanar as dificuldades dos dois tipos de alunos, motivando-os de diferentes maneiras.

1. DESENVOLVIMENTO COGNITIVO

Ao trabalharmos com o ensino de crianças de 3 a 7 anos, precisamos não apenas saber que método de ensino escolher para a criança ou o modo como ensiná-la, mas também se ela está pronta para aprender, pois se compreendermos como ocorre o desenvolvimento cognitivo nessa idade, podemos evitar dois inconvenientes: ensinar a criança antes que ela esteja pronta para aprender e ensinar muito tempo após o momento adequado.

Piaget foi o primeiro a estudar com ousadia a lógica infantil.

A teoria de Piaget para o desenvolvimento cognitivo é uma teoria de etapas, que pressupõe que os seres humanos passam por uma série de mudanças ordenadas e previsíveis.

Vygotsky (2001, pág19 e 20) fala que para Piaget chegará um dia em que o pensamento da criança em relação ao pensamento de um adulto civilizado e normal será colocado no mesmo plano em que se encontra o pensamento primitivo. Com essa abordagem de estudo, Piaget teve uma atitude dominante, ele quis mostrar os aspectos positivos colocando no centro o que a criança tem, enquanto outros costumavam caracterizar negativamente o pensamento infantil comparando o que a criança não tem em relação a um adulto.

A aprendizagem para Vygotsky está relacionada desde o início da vida à maturidade, sendo um aspecto necessário e universal do processo de desenvolvimento das funções psicológicas. Para Piaget, também, o desenvolvimento do pensamento tem início com o nascimento e termina com a aquisição do raciocínio lógico-formal.

Para se referir ao processo de ensino-aprendizagem, Vygotsky utiliza a língua russa *obuchinie*, que é um processo global que envolve, ao mesmo tempo, alguém que aprende e alguém que ensina.

Vygotsky construiu sua teoria tendo como base o desenvolvimento do indivíduo como resultado de um processo sócio-histórico, enfatizando o papel da linguagem e da aprendizagem nesse desenvolvimento, a questão central dessa teoria é a aquisição de conhecimento pela interação do sujeito com o meio.

Quanto à relação entre desenvolvimento e a aprendizagem podemos dizer que são processos inteiramente relacionados, e podemos apontar três idéias básicas de Vygotsky para a questão do ensino escolar.

A primeira idéia é que o desenvolvimento psicológico deve ser olhado de maneira prospectiva, observando o desempenho da criança em diferentes atividades.

Quando dizemos que a criança já sabe realizar determinada tarefa, estamos nos referindo à sua capacidade de realizá-la sozinha, esse modo de avaliar está presente em situações da vida diária. Geralmente nesses estudos, o pesquisador seleciona tarefas que considera importantes para análise do desempenho da criança e observa o que ela já é capaz de fazer sem a ajuda de outras pessoas.

A segunda idéia é que os processos de aprendizado motivam desenvolvimentos, pois a trajetória da aprendizagem se dá de fora para dentro por meio de internalização de processos interpsicológicos.

Oliveira (1996, pág 60 e 61) cita o seguinte exemplo de um ser humano que passe toda sua vida no interior de um grupo cultural ágrafo, por exemplo, jamais será alfabetizado, mesmo possuindo todo o aparato para o aprendizado da leitura e escrita, esse indivíduo nunca aprenderá a ler e escrever se não participar de situações e práticas sociais que propiciem esse aprendizado.

Este é um exemplo claro de um processo de desenvolvimento que ocorre se não houver situações de aprendizado que o provoquem.

Podemos dizer que as metas e os processos de desenvolvimento do indivíduo humano são sempre definidas naturalmente.

A terceira idéia de Vygotsky é a importância da atuação dos outros membros do grupo social na mediação entre a cultura e no indivíduo no processo inter-psicológico.

Nessa terceira idéia percebemos que a atuação de outra pessoa no desenvolvimento individual é indispensável em situações que o aprendizado é um resultado desejável das interações sociais.

Palangana (2001, pág 74) diz que segundo Piaget, o ser humano nasce com possibilidade de construir seus esquemas de ações integrando-se com o meio ambiente.

O processo de construção do conhecimento segue uma linha evolutiva que parte da ação consciente ao pensamento formal. A construção do conhecimento ocorre quando acontecem ações físicas ou mentais que provocam um *desequilíbrio* no indivíduo, que resultam em *assimilação* ou *acomodação* e a assimilação dessas ações resulta a construção de *esquemas* ou conhecimentos, assim ele tenta restabelecer o *equilíbrio*.

Para compreendermos melhor como ocorre a construção do conhecimento, vamos ver suas etapas de construção.

A assimilação é o processo de colocar novos eventos em esquemas já existentes, em outras palavras o indivíduo capta o estímulo do ambiente e o organiza, assim ampliando seu conhecimento.

Palangana (2001, pág 75) diz que na concepção de Piaget o problema do conhecimento está vinculado ao problema da aprendizagem, aprender é saber fazer e conhecer é compreender a situação.

As teorias psicológicas contemporâneas têm explicado o processo de aprendizagem a partir de fatores internos e as experiências adquiridas do meio social.

A acomodação é a modificação de um esquema, ela pode ser vista de duas formas, o indivíduo pode criar um novo esquema no qual ele encaixe o novo estímulo ou modifica um já existente acrescentando novos conhecimentos.

O esquema é como fichas de arquivos de dados na nossa cabeça, são estruturas que se modificam com o desenvolvimento mental do indivíduo, sendo assim, todo novo esquema é produto de aprendizagem.

O equilíbrio é um processo em que uma situação de menor equilíbrio para uma de maior equilíbrio.

O desenvolvimento depende da interação com o meio e está diretamente vinculado ao processo de maturação do sistema nervoso. Trata-se da ação de uma atividade conjunta entre assimilação e acomodação para a elaboração do esquema.

Na teoria piagetina existem dois tipos de aprendizagem, o sentido estrito e o sentido amplo. No sentido estrito, a aprendizagem refere-se aos conteúdos adquiridos em função da experiência, já a aprendizagem no sentido amplo compreende as aquisições que não são devidas a experiência, mas construídas por um processo dedutivo.

Barros (1987, pág 87) diz que Piaget esquematiza o desenvolvimento intelectual nos seguintes estágios :

- .Sensório–motor (0 a 2 anos);
- .Pré–operatório (2 a 6 anos);
- .Operações concretas (7 a 11 anos) e;
- .Operações formais (12 anos em diante).

Para o desenvolvimento deste estudo estaremos estudando o estágio denominado por Piaget como pré–operatório que vai dos 2 a 6 anos de idade.

Segundo Barros (1987, pág 90), nessa época há uma verdadeira explosão lingüística. A criança, que aos 2 anos possuía vocabulário de aproximadamente 270 palavras, por volta

dos 3 anos já fala cerca de 1.000 palavras; provavelmente compreende outras 2.000 ou 3.000 e já forma sentenças complexas.

Vemos que a capacidade lingüística da criança aumenta gradativamente com o seu desenvolvimento.

Este período também é chamado de estágio da Inteligência Simbólica, a criança desse estágio é egocêntrica, centrada em si mesma, e não consegue se colocar abstratamente, no lugar do outro, para ela tudo tem que ter explicação.

Nesse período pré-operatório podemos perceber que a criança liga dados atuais aos elementos já aprendidos anteriormente.

Palangana (2001, pág 25) fala que Piaget define o estágio pré-operatório como o principal progresso desse período em relação ao seu antecedente, é o desenvolvimento da capacidade simbólica instalada em suas diferentes formas a linguagem, o jogo simbólico, a imitação postergada, etc.

Piaget notou que esse estágio tem várias características do pensamento infantil:

- .Egocentrismo;
- .Centralismo;
- .Animismo;
- .Realismo nominal;
- .Classificação;
- .Inclusão de classe e;
- .Serição.

Barros (1987, pág 90) define o egocentrismo como a incapacidade da criança de colocar-se no lugar de outrem. Na teoria de Piaget, esse estágio é um modo característico de pensamento, pois a criança de 4 ou 5 anos é incapaz de aceitar o ponto de vista de outra pessoa.

Outro estágio do pensamento é o centralismo, nesse estágio a criança não relaciona entre si os diferentes aspectos de um objeto de uma dimensão de estímulo e é incapaz de levar em conta mais de uma dimensão ao mesmo tempo.

No estágio do animismo, a criança dá vida a objetos.

Outro modo do pensamento da criança é o realismo nominal no qual a criança pensa que o nome faz parte do objeto, que é uma propriedade do objeto. Podemos dizer então que uma criança acredita que o nome da lua está na lua, que sempre se chamou lua e que é impossível chamá-la de outro nome.

Estudiosos notaram que as crianças bilíngües adquirem bem antes que as outras a distinção entre objeto e a palavra, pois elas têm a experiência de que um objeto chama-se de determinada forma em uma língua, mas de outra forma em outra.

A classificação é o estágio no qual a criança, entre dois e quatro anos, diante de um grupo de formas geométricas de cores diferentes se pedido para que coloque juntas as que se parecem ela não utiliza critérios definidos para realizar a tarefa, ela os agrupa por acaso. Após os 5 anos de idade, ela consegue agrupar esses objetos classificando-os por forma, tamanho ou cor.

Outro estágio é o da inclusão na classe, onde, a criança tem dificuldade de perceber que um indivíduo ou objeto podem fazer parte de dois grupos ao mesmo tempo.

E o estágio de seriação, no qual, a crianças pequenas não são capazes de lidar com problemas de ordem e seriação.

Para Vygotsky, a criança por volta dos três anos de idade está em uma fase determinada por ele de fala social, fase na qual a fala da criança acompanha suas ações.

Em primeiro lugar, nos encontramos diante de uma solução original do problema da relação entre desenvolvimento e aprendizagem.

Quanto mais uma teoria de aprendizagem se distancia das necessidades do sujeito mais ela terá que apelar para fatores motivadores, para explicar o desencadear do processo de aprendizagem. Isto equivale a dizermos que os conhecimentos adquiridos graças à ação das crianças são vistos como sendo determinados pela natureza dos objetos aos quais ela se dirige, reduzindo as contribuições do sujeito aos interesses que ativam aquisições.

O raciocínio piagetino permite-nos acreditar que as situações de aprendizagem devem ter motivações provenientes dos meios físico e social.

A aprendizagem vem através das necessidades da criança, porque o interesse parte da própria criança. A aprendizagem passa a ser o meio através do qual a necessidade pode ser satisfeita, a aprendizagem passa a ser necessária.

Assim sendo, o desenvolvimento pode ser entendido como um processo de equilibração progressiva.

Na teoria piagetina, quando analisamos a relação desenvolvimento/aprendizagem, podemos perceber que o conhecimento é constituído na interação do sujeito com o meio externo e principalmente é através da ação do sujeito individual que o conhecimento se estrutura.

2. MOTIVAÇÃO DO ALUNO

A motivação no contexto escolar foi progressivamente estudada na história da Psicologia sob ângulos diversos e assim foram criadas muitas teorias e abordagens.

A primeira idéia sugestiva sobre motivação é fornecida pela própria origem etimológica da palavra que vem do verbo latino *movere*, cujo tempo *supino motum* e o substantivo *motivum* do latino tardio deram origem ao nosso termo semanticamente aproximado, que é motivo e assim genericamente a motivação ou o motivo, é aquilo que move uma pessoa ou que a põe em ação ou a faz mudar o curso.

Quando deparamos com alunos desmotivados, tendemos a pensar que são desinteressados ou não lhes interessa o que ensinamos porque não entendem o conteúdo.

Muitos profissionais não desistem diante dessa situação e se perguntam o que podem fazer para motivar seus alunos para que eles se interessem pelo que vão lhes ensinar.

A motivação é entendida como um fator psicológico ou como um processo.

As concepções contemporâneas da motivação têm ampliado a abordagem mecanicista do comportamento, numa época que focalizaram construtos como drive, instintos, necessidade.

A motivação do aluno refere-se ao significado do trabalho que tem de realizar, mas pode mudar à medida que a atividade transcorre.

Quais seriam os fatores que representam motivação para uma pessoa, como ela atua de forma isolada ou em interação, ou como ocorre esse processo?

Todo aluno deve cumprir na escola um currículo obrigatório, portanto a motivação do aluno está relacionada com o trabalho mental situado no contexto específico da sala de aula. Os efeitos da motivação do aluno em sala de aula consistem em ele envolver-se ativamente nas tarefas pertinentes ao processo de aprendizagem, o que implica em ele ter escolhido esse curso de ação, em outros possíveis e ao seu alcance. Tal envolvimento consiste na aplicação de esforço do processo de aprender e com a persistência exigida por cada tarefa.

Já o aluno desmotivado apresentará sub-rendimento em suas aprendizagens, ou seja, terá um desempenho medíocre, abaixo de sua capacidade, fato particularmente lamentável quando se trata de alunos talentosos.

A motivação virou um problema de ponta em educação pelo motivo que sua ausência representa queda de qualidade nas tarefas de aprendizagem. Aluno desmotivado estuda pouco, em consequência aprende pouco.

Uma queixa presente na maioria dos encontros de professores é que os alunos não têm interesse em aprender o que queremos ensinar.

A motivação ideal no contexto das tarefas escolares não pode ser fraca.

Um aluno não é necessariamente desmotivado para tudo na sala de aula. Ele pode estar desmotivado ou apresentar motivação distorcida apenas em algumas áreas ou em alguns tópicos, como pode apresentar problemas em relação a todas as disciplinas de um curso.

Portanto, nem sempre é válido afirmar que é desmotivado. Essa variação ocorre em função de inúmeros fatores, apontados pelas teorias e comprovados em pesquisas.

Em outras palavras, o problema pode ser circunscrito e associado a certas condições da disciplina, ou do professor, ou da fase evolutiva do aluno, entre outras. Os psicólogos tendem a acreditar que os primeiros anos especialmente anteriores à idade de 8 anos, sejam muito favoráveis à aprendizagem de caráter imitativo.

Precisamos levar em conta que a interação do contexto e as características do aluno são dinâmicas, isto é, a medida que a aula transcorre o aluno tenta resolver problemas com maior ou menor êxito, com isso, o contexto se modifica e pode ocorrer mudanças na percepção do aluno.

Podemos comparar que os alunos agem tendo em vista diferentes metas em alguns casos, o importante para estimular a motivação e o fato de aprender algo que faça sentido. Nesse caso, o aluno busca uma satisfação na tarefa realizada. Este aluno tem como meta aprender.

Tem também alunos que são motivados quando o professor lhe dá pontos a vista dos colegas e, quando respondem corretamente, e não se motivam se não estiverem em uma situação de competição. Esse aluno tem como meta salvar sua auto-estima.

O professor tem um papel muito importante na influência da motivação do aluno, pois ele deve ensinar seus alunos a aprender e ser seu orientador como transmissor de valores e trabalhar como membro de uma equipe. Essas tarefas devem ser assumidas por todos os professores.

O tipo de relação que estabelecemos com o aluno, pode gerar confiança e um aumento de atenção que são condições indispensáveis para a aprendizagem.

A curiosidade é uma atitude, que se manifesta pela conduta exploratória, que o professor pode utilizar para atrair a atenção dos alunos.

Iniciar a aula sem tentar despertar a curiosidade é o que muitos professores fazem, começam diretamente a explicar, isso pode fazer com que o aluno considere que o

aprendizado apenas é memorizar e ser aprovado, que não é nosso objetivo.

O interesse se refere ao fato de manter a atenção centrada em algo. É um processo diferente da curiosidade, o interesse depende da facilidade com que a informação se relaciona com o que já se sabe. Quando não se desperta o interesse torna-se mais difícil manter a atenção centrada na informação que se recebe.

A importância do conteúdo também é outro fator que afeta positivamente a atividade.

É importante que o professor conheça a fundo a matéria que vai ensinar, isso é indispensável para comunicar aos alunos a motivação que se costuma considerar mais valiosa.

Todo aluno começa uma atividade perguntando-se, para que é necessário aprender o conteúdo apresentado.

Os professores devem utilizar atividades que manifestem a importância da aprendizagem, pois a motivação não depende só do aluno, mas também do contexto a ser aprendido.

O modo com que o aluno enfrenta a atividade escolar depende também, de como o professor organiza as atividades na aula, promovendo entre eles interação de cooperação, ou de competição, ou não promovendo interação alguma. Os diferentes efeitos de interação tem diferentes efeitos sobre a motivação.

As atividades escolares organizadas com contexto competitivo têm efeitos motivacionais mais negativos, pois sempre há perdedores.

As mensagens que o professor transmite antes de realizar uma tarefa podem orientar sua atenção em diferentes direções, para diferentes tipos de metas. Temos que orientar a atenção do aluno para o processo, não para o resultado.

Quando as tarefas são realizadas em aula, as mensagens que o professor transmite durante sua realização ao aluno que pergunta sobre dificuldades também podem ter influência na motivação. Quando o aluno pergunta, o professor deve lhe dar pistas que o ajudem a superar as dificuldades da realização da atividade, não dar-lhe a solução.

Quando as mensagens são transmitidas pelo professor no término da tarefa podem ter motivações variadas. O professor pode dizer simplesmente se a tarefa foi realizada corretamente ou não.

Se o professor não transmite mensagens ou implica numa avaliação negativa, comparação ou mensagens que implicam numa ameaça contra a auto-estima, contribui para

que os alunos não vejam as situações escolares como oportunidades de aprender, mas como ocasiões em que o que está em jogo é a própria imagem.

O último e mais importante fator que influencia na motivação dos alunos é a avaliação da aprendizagem, os professores podem agir de diferentes modos, que fazem com que a avaliação afete de modo negativo ou positivo a motivação.

Toda a avaliação implica em uma tarefa por parte do aluno, com o professor avaliando-o, desde quando o aluno vai a lousa fazer uma atividade, quando corrige o que fez em seu caderno, ou quando avalia uma prova, tais manifestam o êxito ou o fracasso do aluno. Por isso, que o fracasso tem impacto negativo sobre a motivação.

Por outro lado, toda a avaliação busca manifestar conhecimentos e habilidades relacionados com diferentes conteúdos e tarefas.

Estudar a motivação consiste em analisar fatores que fazem com que as pessoas empreendam determinadas ações, para alcançarem objetivos.

A motivação dos alunos se vê notavelmente influenciada pelo clima em que vivem e pelo ambiente que se respira na escola, pelas normas de funcionamento, pelos valores que dependem da atuação dos professores individualmente e em equipe.

Existem quatro grandes classes de motivação:

1. Motivação relacionada com a tarefa, onde a própria matéria de estudo desperta ao indivíduo uma atração que o impulsiona a vencer obstáculos.

2. Motivação relacionada com o eu, com a auto-estima. A aprendizagem inclui muitos aspectos afetivos.

3. Motivação centrada na valorização social. Satisfação afetiva que produz aceitação dos outros, como aplausos.

4. Motivação que aponta para a conquista de recompensas externas, como prêmios, dinheiro, etc.

Em todas os alunos encontram a necessidade de alcançar determinado objetivo, tentando evitar o fracasso. O comportamento desses alunos costuma ser diferente, os alunos que se apresentam mais motivados pela necessidade de conquista:

- Selecionam problemas com desafios moderados.
- Esforçam-se diante de problemas difíceis.
- Diminuem sua motivação se alcançam êxito com muita facilidade.
- Respondem melhor as tarefas com maiores desafios.
- Costumam conseguir melhores qualificações.

Já os alunos que se motivam pela necessidade de evitar o fracasso:

- Escolhem problemas fáceis
- Desanimam com o fracasso
- Respondem melhor as tarefas com menores desafios.

Em alguns alunos o desinteresse e o baixo rendimento podem ser devidos à deficiência de quando não se é capaz de reconhecer, elaborar e utilizar adequadamente a informação.

Deve-se apresentar ao aluno diferentes modos de abordar e dar sentido às novas informações, isto é ensinar a aprender utilizando a reflexão e a análise das estratégias, isto fará com que o aluno reflita sobre seu próprio processo de aprendizagem.

No campo da motivação, nenhuma dinâmica de grupo pode substituir o contato pessoal, o diálogo faz com que o aluno consiga sanar suas dificuldades nas tarefas escolares.

O clima escolar, o currículo oculto, tem, sem dúvida, importante influência na motivação e no rendimento dos alunos.

Os estudiosos da motivação intrínseca têm produzido nos últimos anos conhecimento que podem auxiliar os professores em seu trabalho de despertar o interesse dos alunos sobre os conteúdos escolares.

2.1-Motivação intrínseca

A motivação intrínseca refere-se a escolha e realização de determinada atividade por sua própria causa, por esta ser interessante, atraente ou, de alguma forma, geradora de satisfação. Um indivíduo intrinsecamente motivado procura novidade, entretenimento, satisfação da curiosidade, oportunidade para exercitar novas habilidades e obter domínio.

A motivação de crianças e de adolescentes na escola não é intrínseca, fato esse que não deveria causar surpresa visto que a escola não prioriza essa orientação, preocupando-se com a transmissão de conteúdos, no desenvolvimento de habilidades, na avaliação do desempenho através de notas, dando ênfase aos motivadores extrínsecos.

A motivação intrínseca é a motivação na qual a pessoa faz algo por se sentir recompensada diretamente pela realização da tarefa.

2.2-Motivação extrínseca

A motivação extrínseca tem sido definida como a motivação para trabalhar em resposta a algo externo a tarefa ou atividade, como para a obtenção de recompensas materiais

ou sociais, de reconhecimento, objetivando atender os comandos ou pressões de outras pessoas, para demonstrar competências ou habilidades.

Diversos autores consideram as experiências de aprendizagem propiciadas pela escola como sendo extrinsecamente motivadas, levando alguns alunos que concluem seus cursos a se sentirem aliviados por estarem livres dos professores e dos livros.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Sabe-se que é importante no processo de ensino-aprendizagem a conexão entre professores e alunos.

Desta forma convém ao professor estimular seu aluno a aprender.

Toda aprendizagem requer algum tipo de motivação, seja ela intrínseca ou extrínseca.

Vemos a motivação como um conjunto de variáveis que ativam e orientam em determinado sentido a aprendizagem para poder alcançar um objetivo.

Este texto revela aos professores como trabalhar o ensino proporcionando às crianças motivação para desenvolver o processo de ensino-aprendizagem.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARROS, Célia Silva Guimarães. **Pontos de psicologia do desenvolvimento**. São Paulo: Ed Ática S/A, 1987.

PALANGANA, Isilda Campaner. **Desenvolvimento e aprendizagem em Piaget e Vygotsky, a relevância social**. 3^o ed. São Paulo: Summus, 2001.

VYGOTSKY, Lev Semenovick. **A construção do pensamento e da linguagem**. São Paulo: Livraria Martins Fontes Editora LTDA, 2001.

CASTORINA, José Antonio; FERREIRO, Emilia; LERNER, Delia; OLIVEIRA, Marta Kohl de. **Piaget e Vygotsky novas contribuições para o debate**. São Paulo: Ed. Ática S/A, 1996.

ALENCAR, Eunice Soriano de. **Novas contribuições da psicologia aos processos de ensino-aprendizagem**. 2^o ed. São Paulo: Cortez Editora, 1993.

TAPIA, Jesus Alonso; Fita, Enrique Cártula. **A motivação em sala de aula, o que é e como se faz**. 4^o ed. São Paulo: Edições Loyola, 1999.

BORUCHOVITCH, Evely; BZUNECK, José Aloyse. **A motivação do aluno, contribuições da psicologia contemporânea**. Petrópolis, Editora Vozes, 2001.

BERGAMINI, Cecília Whitaker. **Motivação**. 3^o ed. São Paulo, Atlas Editora, 1990.